

ELABORAÇÃO DO LUTO NA INFÂNCIA

MOURNING THE PREPARATION OF CHILDHOOD

Leydyanne Vieira dos Santos ¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas

Cássia Angélica Nogueira Barbosa ²

Pós-graduada na área clínica com abordagem Cognitivo-comportamental.

Faculdade Patos de Minas

RESUMO

A morte atualmente é um assunto difícil de ser discutido pelas pessoas, o que acaba se tornando um tabu. Durante o processo de luto diversos sentimentos norteiam o ser humano: negação, raiva, depressão e aceitação são fases do luto que precisam ser vividas. Muitas pessoas ainda não estão preparadas para discutir este tema com as crianças que passam por perdas, o que acaba acarretando problemas futuros devido a um processo de luto mal resolvido. O objetivo do presente estudo foi investigar a vivência da morte na infância, suas consequências e como se dá o processo de elaboração do luto nesta fase da vida. Para o presente trabalho optou-se por uma revisão bibliográfica. Ficou evidente que os adultos devem incluir as crianças na experiência de perda, e que poupa-las desta experiência pode bloquear o processo de luto. Cada criança, como cada adulto vivencia o seu luto de forma independente. Cabe a família e aos profissionais de psicologia ajudar a criança a entender melhor o significado da morte e a reconhecer melhor suas perdas, lhe proporcionando um ambiente seguro, no qual ela deve ficar a vontade para demonstrar seus sentimentos, suas dúvidas e não deve ser excluída dessa realidade, pois pode gerar expectativas interferindo na aceitação de futuras perdas.

Palavras-chave: Morte. Luto na Infância. Elaboração do luto.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM).

² Orientadora do trabalho. Psicóloga pós-graduada na área clínica com a abordagem Cognitivo-comportamental, pela UNIASSELVI / Instituto Máximo – Patos de Minas/MG. Professora da Faculdade Patos de Minas (FPM). E-mail: cassia-psico@hotmail.com.

ABSTRACT

The death is currently a difficult subject to be discussed by the people, which eventually becomes a taboo. During the grieving process, different feelings guide the human being: denial, anger, depression and acceptance are stages of grief that must be experienced. Many people are not prepared to discuss this topic with children undergo losses, which ends up causing future problems due to an unresolved grieving process. The aim of this study was to investigate the experiences of death in childhood, its consequences and how it's the grief process at this stage of life. For this study we chose to a literature review. It was evident that adults should include children in loss experience, and it saves them this experience can block the grieving process. Every child, like every adult experiences their grief in different ways. It is up to family and psychology professionals help children better understand the meaning of death and to recognize better their losses, they should be free to show their feelings, their doubts and should not be excluded from reality, as this can generate expectations interfering acceptance of future losses.

Keywords: Death. Grief in Childhood. Preparation of Mourning.

INTRODUÇÃO

O ser vivo nasce, cresce, se reproduz e morre. Esse é o ciclo de vida que todos aprendem desde a infância nas aulas de ciências. Nascer, se desenvolver e morrer são eventos naturais que fazem parte do período de vida de qualquer organismo (COELHO; FALCAO, 2010).

De acordo com Bowlby (2004) o luto é o trabalho psíquico de elaboração da perda de algo ou alguém significativo. A vivência deste período consente a interligação entre vários processos e condições e poderia metaforicamente ser comparada a uma inflamação, condição que, segundo a medicina, também se relaciona a diversos processos que analogamente ao luto podem resultar em cura ou em patologias.

Segundo Kubler-Ross (1998) as reações emocionais e comportamentais da criança diante da morte não são paralelas a dos adultos. A perda de um progenitor é diversamente vivida segundo a idade e as vivencias previas da

criança com questões da morte e perda, uma vez que estas preparam-na psicologicamente para enfrentar as situações desta natureza.

A forma como cada criança vive o luto e representa internamente a morte, modifica de acordo com a idade, a personalidade, o estágio de desenvolvimento cognitivo e psicossocial, a intensidade com que ela convive e está próxima dessa realidade e ainda a influencia dos aspectos mais gerais como a cultura em que esta inserida (MACHADO, 2006).

A escolha deste tema de estudo justificou-se pelo interesse da pesquisadora pela temática, e por tratar-se de um tema que para muitas pessoas é difícil de ser discutido. O assunto abordado neste artigo é importante para todos os públicos de leitores, visto que é uma temática que envolve a realidade de todos, pois a morte é parte integrante do viver.

Partiu-se dos seguintes questionamentos: Como as pessoas encaram o processo de morte e elaboração do luto? Qual é a visão da morte pelas crianças? Como o luto é encarado nessa fase da vida? Como lidar com a criança e ajudá-la a conseguir elaborar esse processo de perda?

A morte é um processo do desenvolvimento humano, fazendo parte da vida de todas as pessoas, portanto é de extrema importância, que o luto na infância seja entendido e vivenciado, evitando traumas e problemas futuros. É necessário que a criança expresse os seus sentimentos e que as pessoas respeitem a sua dor. Quando se perde alguém que se ama é normal o sentimento de tristeza e saudades, é preciso diálogo com as crianças mantendo as lembranças da pessoa falecida para que os sentimentos relacionados à perda sejam bons.

O objetivo geral do presente trabalho foi investigar a vivência da morte na infância, suas consequências e como se dá o processo de elaboração do luto pelas crianças. Os objetivos específicos foram investigar como a morte é assimilada pelas crianças; compreender a vivência da morte e a elaboração do luto na infância e buscar compreender a internalização da morte pelas crianças ao longo do desenvolvimento dos estágios de luto.

Na primeira seção deste estudo, apresentam-se os processos de luto conceituando também, a forma como a morte é vista pelas pessoas. Na segunda seção, destaca-se o processo histórico da infância e a vivência do luto nessa fase da vida. E na terceira seção, buscou-se analisar como é o processo

de morte e elaboração do luto na infância e a importância da vivência desses processos nesta fase da vida.

Sendo o processo de luto difícil de lidar é necessária a ênfase neste assunto principalmente pelos profissionais de psicologia, focando na importância de se acompanhar a criança e ajudar no processo de elaboração do luto, auxiliando e compreendendo melhor todo este processo. Portanto, espera-se que esse estudo possa contribuir para que os familiares e profissionais da área de psicologia entendam melhor sobre como a morte e os processos de luto são encarados pelas crianças, podendo auxiliar melhor nessa difícil fase da vida.

METODOLOGIA

Para o presente trabalho optou-se por uma revisão bibliográfica. A natureza da pesquisa é qualitativa, por ser pesquisa documental, que permite o exame das informações colhidas e a consulta a diversos estudos científicos elaborados sobre a temática da morte e elaboração do luto na infância. O levantamento bibliográfico foi realizado através da consulta em fontes como LILACS, SCIELO, BIREME, artigos científicos, revistas e monografias, com publicações do ano de 1977 a 2014, tendo como palavras-chave: morte, luto na infância e elaboração do luto.

MORTE E OS PROCESSOS DE LUTO

Morte

A morte faz parte do desenvolvimento humano durante toda sua existência. Desde o nascimento, o homem já sofre sua primeira perda com o rompimento do cordão umbilical, se desligando da vida uterina junto à mãe (CATERINA, 2003 p.6).

Ao longo da vida o ser humano enfrenta diversas perdas: objetos, juventude, projetos não concretizados e pessoas. A perda de uma pessoa pode acontecer por mudanças geográficas, corte de relações e por morte. Sendo esta a grande e derradeira perda. Grande, porque há várias outras perdas adjacentes à perda da pessoa e derradeira porque não é possível recuperar aquilo que foi perdido: o objeto amado está morto. Essa perda, além da falta do ente querido envolve também um grande temor do ser humano, que é a morte, o fim da vida (MOURA, 2006).

Para Sengik e Ramos (2013), o nascimento para o ser humano se constitui como uma experiência natural, paralela à vida, assim como a morte. As pessoas se asseguram de que a morte é a única certeza que se tem na vida, no entanto, às vezes, evita-se o assunto e determinadas pessoas ainda arriscam desafia-la querendo vencê-la.

Nesse cenário, para muitos a morte está relacionada à destruição, ao esgotamento, à extinção. Portanto, o que se analisa é uma tendência em negar a morte e, com isso, os sentimentos provenientes dessa perda (CARVALHO et al., 2009).

De acordo com Aires (1977) na época medieval, a morte era conhecida como morte domada, à morte era aguardada no leito, numa espécie de cerimônia pública instituída pelo próprio moribundo. Todos podiam entrar no quarto, parentes, amigos, vizinhos, e, até mesmo, as crianças. Os rituais de morte eram desempenhados com manifestações de tristeza e dor, que eram aceitas pelos membros daquela comunidade. O maior temor era morrer de modo repentino e sem as homenagens. Tratava-se de um acontecimento a ser compartilhado e havia uma familiaridade com a finitude, embora essa mesma ainda fosse acompanhada de medo dos mortos. A morte domada, era aceita como parte indissociável da vida e eventualmente até ansiada (LIMA, 2009).

Atualmente, a morte é algo do qual se teme e se faz tudo para que não aconteça. A morte já não é mais enxergada pelo homem como sendo algo que está inserido no contexto de suas vidas. Ela passou a ser negada e vista como um tabu, no qual todos fogem e evitam fazer referência nos meios sociais, dificultando assim, elaboração dessa perda que representa um golpe profundo na existência humana (GUANDALINI, 2010).

Para cada pessoa a morte possui significados diferentes, porque é algo constrangedor e muitas vezes ameaçador, sendo um assunto longe das pautas dos diálogos de muitas pessoas que respiram e aspiram à vida. Mas a morte em si, esta que aparenta ser o triste final de todo ser vivo, está presente durante toda existência humana. Este tema, que é tão obscuro e de difícil absorção, não se trata apenas de um fenômeno orgânico, mas como uma perda de um elo entre uma pessoa e seu objeto, portanto também um fenômeno psíquico (CATERINA, 2003).

Os processos do Luto

Após a perda vem o luto, uma das experiências mais marcantes na vida, que tem como objetivo a adaptação, ou seja, o indivíduo adaptar-se emocionalmente a essa perda (FERREIRA et al., 2011). Segundo Franco e Mazorra (2007), o luto é o processo de reconstrução, de reorganização perante a morte, desafio emocional e cognitivo com o qual se tem que lidar.

De acordo com Jaramillo (2006) luto é um processo único, pessoal, onde o enlutado lança mão de seus suportes subjetivos para se reacomodar a uma vida diferente após a perda de alguém ou algo muito valorizado, um tempo de reaprender a enxergar o mundo, irreversivelmente transformado pela ausência da pessoa perdida.

O luto não é uma doença, é um processo definitivamente necessário, necessário para que pessoas que perderam um ente querido sejam capazes de se restabelecer. Na ausência desse processo, pode se instalar o “luto complicado”, a exacerbação dos processos presentes no luto normal, com uma duração muito longa e com características de obsessividade, esse sim, precisa de cuidados psicológicos e médicos (ALVES, 2012). É natural que o enlutado sinta um conjunto de respostas fisiológicas, psicológicas, sociais e comportamentais relacionadas à perda. O enlutado precisa saber lidar com a falta desta pessoa em situações concretas, já que a realidade mostra a ausência da pessoa amada em situações alegres e difíceis que antes compartilhavam (MOURA, 2006).

O processo de luto sugere reconhecer e aceitar a realidade, lidando com as emoções resultantes da perda. Esse processo de elaboração do luto necessita-se de um tempo interno e não de um tempo estipulado, tornando o luto um processo singular, único e individual. Seu termino não possui um tempo específico, cada pessoa fica de luto à sua maneira e durante o tempo que precisar para elaborar a perda e voltar a viver, mesmo diante da saudade (ALVES, 2012).

Durante o luto existe a negação da perda, do corte do vínculo, existindo uma intensa necessidade de manter vivo o morto, por meio de lembranças e tentativas de contato, retornando aos minuciosos detalhes do vínculo agora perdido. Entretanto, neste processo é importante a elaboração do luto, a fim deste comportamento não levar a pessoa a um luto melancólico (CATERINA, 2003).

Os traços mentais característicos da melancolia são um desânimo profundamente intenso, a cessação de importância pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma redução dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envelhecimento, culminando numa expectativa insensata de punição. O luto intenso, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito árduo, a mesma perda de interesse pelo mundo externo na medida em que este não evoca esse alguém, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (FREUD, 1996).

Chegar a uma aceitação da perda leva tempo, porque abrange não só uma aceitação intelectual, mas também emocional. Apesar de levar de maneira inevitável tempo, os rituais tradicionais, como o funeral, ajuda muitos enlutados a avançarem na aceitação da perda (MELO, 2004).

De acordo com Boelen et al. (2003), embora a perda de uma pessoa amada ser geralmente avaliada como um dos acontecimentos de vida mais estressantes que a pessoa pode experimentar, a maioria dos indivíduos se recuperam da perda sem ajuda profissional. Entretanto, algumas pessoas não se recuperam e experimentam alterações constantes na saúde mental, necessitando assim de um acompanhamento psicoterápico.

A não aceitação do processo de luto, na maioria das vezes se arrasta por muito tempo, e com isso pode originar o aparecimento de algumas patologias, como a melancolia, uma depressão, um processo de tristeza profunda. A não interiorização dos processos de perda faz com que a pessoa permaneça presa à realidade passada, originando assim o aparecimento de diversos tipos de patologias. Entre estas patologias, não ocorrem somente as sentimentais, mas podem chegar ao nível da doença física, as doenças psicossomáticas (TAVERNA; SOUZA, 2014).

É muito importante trabalhar a dor da perda, sendo essa uma fase muito importante. Trabalhando esta dor do sofrimento, muito provavelmente a pessoa não vivera um luto complicado, fazendo com que a dor possa se transformar em saudade. Em diversos casos os enlutados tentam “enganar” este estágio, trocando de casa, viagens, até mesmo escapando para consumo de álcool, ou outros tipos de soluções. Toda esta tentativa de fuga, pode levar a um esgotamento, e até mesmo a alguma forma de depressão, é preciso se permitir viver a dor da perda (TAVERNA; SOUZA, 2014).

INFANCIA: conceito histórico e a vivencia do luto

Aspectos históricos da infância

A infância tem-se estabelecido em um campo emergente de estudos para diversas áreas do saber, entretanto focados em divergentes abordagens, aspectos e métodos, os quais originaram caracterizadas imagens sociais sobre as crianças (ANDRADE, 2010). Na atualidade valoriza-se um discurso que pontua a infância como uma fase do desenvolvimento humana cheia de especificidades diferindo-a do adulto, entretanto a infância como é vista hoje, é fruto de uma mudança histórica social (VASCONCELOS, 2012).

A sociedade nem sempre notou a importância de se ter uma infância tida como adequada, das vivências infantis e dos direitos e deveres das crianças

como ocorre na atualidade. Com o passar dos tempos o olhar sobre a infância veio se transformando e se modificando, desenvolvendo novas formas de refletir agir e pensar sobre a infância, mudando a práxis que envolviam as crianças (SILVA; OLIVEIRA, 2011).

Ariès (2006) em um enfoque histórico ressalva a dificuldade de o adulto entender a criança ao longo da história. O conceito de infância é incluído como uma fase de desenvolvimento da vida do sujeito caracterizada da fase adulta. Esta ideia de infância é estabelecida socialmente de acordo com os conhecimentos e experiências em diferentes culturas, ambientes e sociedades sendo uma invenção adulta construída ao longo da era moderna. Ao longo da idade média e até por volta do século XIII às fases da vida não tinham um significado característico para a sociedade.

De acordo com Bourdieu (2006) as crianças eram vistas como um adulto em miniatura, originado do sentimento de infância da época, sua educação se dava no campo do convívio familiar entre os adultos, espaço no qual analisavam e aprendiam as atividades próprias na época auxiliando-os na concretização das tarefas. O sentimento de amor familiar entre os casais e seus filhos não era visto como imprescindível, pois era elemento desconhecido como valor ao desenvolvimento da criança. Enquanto a criança dependia do adulto para suas ações era denominado o período de infância. Ao sair desse cuidado, também saía deste período.

Para Corazza (2002) a história da infância manifesta-se um silêncio histórico, ou seja, uma ausência de problematização sobre essa categoria, não porque não houvesse crianças, mas porque, do período da Antiguidade à Idade Moderna, não existia este objeto discursivo a que hoje chama-se infância, nem esta figura social e cultural chamada criança.

Segundo Moreira e Vasconcelos (2003), particularmente no século XVIII, a criança foi surgindo socialmente, avaliada como um ser dependente, delicado, ignorante e vazio, que necessitava ser treinado para ser um bom cidadão, incumbindo à família a responsabilidade pela sua socialização.

A burguesia faz aparecer um novo significado de família, exibindo o modelo nuclear como hegemônico e apresentando também um novo “sentimento de infância”, colocando a criança numa condição distinta do adulto (ANDRADE, 2010). Somente com a institucionalização da escola é que o

conceito de infância começa vagarosamente a ser alterado, através da escolarização das crianças. Pode-se então, a partir da ampliação de uma pedagogia para as crianças, falar em uma constituição social da infância (CORSARO, 2003).

Portanto, a maneira como a infância é vista atualmente é decorrência das constantes variações pelas quais todos passam, e que é de extrema importância dar conta destas transformações para compreender a dimensão que a infância ocupa hoje em dia. Esta história, por outro lado, só foi possível porque também se transformaram na sociedade as maneiras de se pensar o que é ser criança e a seriedade que foi dada ao momento específico da infância (BUJES, 2001).

Conceitos e importância da vivência dos processos de luto na infância

Os conceitos de infância podem apresentar distintos significados, segundo os referenciais que se utilizam. A palavra infância evoca um período que começa com o nascimento e termina com a puberdade. O Estatuto da Criança e do Adolescente institui criança toda pessoa até 12 anos de idade incompletos. Pode-se, assim, ressaltar que no quadro legal brasileiro prioriza-se uma definição da criança pelo critério etário e pelo aspecto biológico (ANDRADE, 2010).

A psicologia precisa estar atenta às diversas circunstâncias nas quais uma criança pode crescer, assim como em orfanatos, casas abrigo, com avôs, tios, filhos de pais separados, adotivos entre outros casos. Necessita-se pensar nos mais diversos grupos de relacionamento familiar e social não ficando preso exclusivamente na construção da família burguesa pai, mãe e filhos (SILVA; OLIVEIRA, 2011).

A criança é uma pessoa insaciável de sensações e conhecimentos. Seu aprendizado é a marca mesma do seu encontrar-se no mundo. O grande equívoco está no adulto que vê a criança como sua miniatura. Na criança o conhecimento e a expressão são brinquedos, a invenção é prazer, viver

significa desvendar: abrir portas, ir além do espelho. A linguagem e a vida se misturam numa relação vital e completa (DAMAZIO, 1991).

Para Elkind (2004) “Ser criança não é fácil”. As crianças, já ao nascer, se encontram com mudanças sociais constantes. Boa parte dos pais, carregados no trabalho e na criação dos filhos se sentem pressionados e estressados esperam que as crianças amadureçam logo, cresçam e não sejam mais pendentes de seus cuidados. Para que isso ocorra o mais rápido possível, sobrecarregam e pressionam as crianças, esperando que esta pressão seja algo positivo para seu desenvolvimento, no entanto, este ato pode ser prejudicial e estressante para a infância.

Diversas vezes no cotidiano, as pessoas não têm tempo de refletir sobre os afazeres que tem a cumprir e isto tem influência na vida das crianças, no quanto elas podem se sentir abandonadas por não terem uma atenção de seus pais ou responsáveis. Não se consegue perceber que a infância hoje, escrita nos livros e garantida por leis, foi edificada aos poucos, com várias barreiras e é de certa forma prejudicada pelos adultos, quando não dão a atenção necessária e o valor correto para a infância (SILVA; OLIVEIRA,2011).

Para Arroyo (1994), as infâncias são várias, modificam de criança para criança. A infância no campo não é como na cidade, ela é menor, já a da cidade pode ser desfrutada por mais tempo, não sendo necessário sair cedo de casa para ajudar o pai no trabalho. De tal modo como a da criança de favela não é igual a da criança do condomínio fechado, elas não deixam de ser crianças, mas viverão a infância de forma diferente, uma poderá ser livre e trará o sustento da casa desde cedo, a outra não necessitará trabalhar tão cedo, poderá ter uma infância mais longa, mas será privada da liberdade que a criança da favela desfruta.

Assim como o adulto a criança é um ser em construção e que irá se edificando por toda a vida. Sua aprendizagem se dará em períodos de atividades individuais e atividades coletivas. Apesar disso, a fase da vida infantil designa algumas distinções no desenvolvimento físico, motor e cognitivo: o modo de construção do conhecimento, de percepção e ação no mundo, que faz da criança um ser humano distinto do adulto, por isso elas precisam ser educadas de um modo que respeite suas características, através de brincadeiras, faz de conta, através do lúdico e de forma prazerosa. Seus

direitos necessitam ser respeitados e sua integridade preservada (SANTOS; LAURO, 2010).

O desenvolvimento humano é essencial a todos. A infância é o momento em que a criança está se desenvolvendo e se constituindo. Deste modo, nesse período determina-se que se tenha especial atenção para com elas e com os eventos pelos quais irão vivenciar (PALUDO, 2013). Deste modo faz-se necessário ser tratado com seriedade e como algo concreto o processo de luto em crianças, levando sempre em conta a idade e o estágio de desenvolvimento que ela se encontra (SILVA, 2011).

A criança precisa ter acesso total às experiências do luto, até as perdas representadas pelo seio materno e pelo desmame. A família deve ser fonte de apoio a criança, não escondendo dela o luto e auxiliando-a a ultrapassar as tristezas, trabalhar com a culpa, a raiva e os sentimentos negativos decorrentes da perda, manifestando para a criança que a morte é um processo natural e, sobretudo, dando a criança condições de elaborar novos lutos na vida adulta (CARVALHO et al., 2009).

Desde o início da vida a criança está em contato com a morte, seja de um animal de estimação ou de uma planta, porém a morte do ser humano se difere das demais, pois nela se sente a falta, a amplitude da dor, uma dor que nunca acaba, mas com a qual, aprende-se a conviver com o passar do tempo (SILVA, 2011).

Para Mendes (2009), a morte é uma ferida narcísica, pois, na confrontação com ela, a criança encontra-se com a sua própria incompletude, incompletude essa que não pode ser completada nem por aquele que partiu, nem por outro qualquer.

Nós rotineiramente escondemos a morte e o morrer das nossas crianças, achando com isso que as estamos protegendo de algum dano. Mas, na verdade, o que nós estamos fazendo é um desserviço ao privá-las desta experiência. Ao fazer da morte e do processo do morrer um assunto tabu e mantendo as crianças longe das pessoas que estão morrendo ou que morreram, nós acabamos criando medo e desinformação onde não deveria haver (KUBLER-ROSS, p. 85, 1998).

Diante deste contexto surgiu a necessidade de investigar e conhecer a vivência da morte na infância e assim analisar suas consequências para a

criança e com isso identificar como se dá o processo de elaboração do luto nessa fase da vida.

MORTE E ELABORAÇÃO DO LUTO NA INFÂNCIA

A importância dos processos de luto na infância

Muitas vezes, os adultos fogem do assunto morte, por abordar um tema que evoca seus “medos”, até mesmo seu próprio medo da morte. Entretanto, não há como negar a sua existência e importância de estudos sobre este assunto, por isso, alguns autores afirmam que a melhor forma de falar sobre o tema morte com as crianças é através de uma comunicação aberta, debatendo ideias de maneira sincera, ficando disposto a responder questionamentos e, sobretudo, não evitando este tema, uma vez que, deve-se abrir espaço para a discussão sobre a morte na família e na escola (MELLO; BASEGGIO, 2013).

A família, sendo o primeiro vínculo social de uma criança, é o lugar no qual ela tem suas experiências iniciais de vida e morte. Já, na escola, é onde tem seu primeiro contato com o mundo exterior, onde tem as primeiras relações sociais com professores e colegas, passa pelos desafios iniciais da vida, encara a separação dos pais e do lar. Sendo assim, são lugares de ampla importância para a discussão desta temática, eis que são dois espaços que distinguem o início de uma vida, onde surgem medos, dúvidas e novidades. Deste modo, na família, cabe aos pais serem sinceros e abertos, ao falarem da morte, e na escola, é imprescindível um espaço de discussões e aprendizado sobre o ciclo de vida (KOVÁCS, 1992).

A compreensão da morte é um processo vagaroso na vida de uma criança que percebe desde o seu nascimento perdas importantes. Logo após, a criança começa a passar por perdas mais concretas, como situações de mudanças de série, troca de professores e cuidadores, mudança de escola, de cidade e processos de separação (MELLO; BASEGGIO, 2013).

De acordo com Paiva (2011) estas perdas são denominadas mortes simbólicas e, mesmo que estas situações não sejam consideradas mortes reais, abalam o psiquismo da criança. É a partir da elaboração destas chamadas mortes simbólicas que, depois, serão elaboradas as mortes reais. Com o passar da idade e o amadurecimento cognitivo, a criança principia seu lento processo de entendimento dos conceitos de finitude, até chegar à adolescência, que é o final do ciclo de compreensão, com a total compreensão do assunto.

Assim sendo, entende-se que há vários elementos que influenciam a compreensão da morte pela criança, tais como a idade cronológica, a constituição psíquica, os aspectos da vida pessoal, como as experiências de perdas, fatores que influenciarão no luto posterior (MELLO; BASEGGIO, 2013).

Bromberg (2000) explica que o conceito de morte pode variar, segundo os seguintes fatores: o momento do desenvolvimento psicológico da criança, a forma como os adultos passam pela morte e a relação que a criança tinha com a pessoa falecida. Numa sociedade marcada por conflitos de diversas ordens, a morte é presença constante e vista diariamente. As crianças expostas a tudo isso são afetadas de diversas formas e, o problema não é a morte em si, mas o que se segue após, ou seja, o luto.

O afastamento por morte configura-se em potencial um fator estressor para a criança, podendo colocar em risco a sua segurança e sobrevivência emocional tornando o luto infantil um tema complexo que merece ser aprofundado (FRANCO; MAZORRA, 2007). O conhecimento sobre o assunto é essencial para se alcançar as implicações da morte de genitores para a criança, bem como para guiar famílias e instituições na busca por terapias e fontes de apoio eficazes para as crianças adversamente afetadas por tais perdas (ANTON; FAVERO, 2011).

De acordo com Gauderer (1987), estudos mostram que crianças com menos de cinco anos vêem a morte como algo reversível, muito semelhante com o sono e a afastamento, não tendo noção de causa e efeito. Nestes casos, seria importante deixar claro para a criança que a pessoa morreu, oferecendo exemplos palpáveis e concretos, de um fato verdadeiro que elas tenham vivenciado como morte de um animal, por exemplo. Iludir a criança pode provocar raiva e frustração em relação ao adulto que lhe mentiu, abalando a

relação de confiança. Entre os cinco e os sete anos, além de um exemplo concreto, a criança já pode receber esclarecimentos mais minuciosos sobre o fato, já que sua aptidão de julgar causa e efeito está aumentada. A partir dos oito anos, a criança, de modo geral, já vê a morte como irreversível, mas não como natural, podendo entendê-la como um castigo. Neste caso, compete ao adulto corrigir as distorções cognitivas da criança, de modo a amenizar a culpa e o aumento de sintomas psicossomáticos. Aos nove anos, a morte passa a ser percebida como universal e não necessariamente induzida por alguém, de forma que a criança já se mostra capaz de participar das conversas como os adultos.

Mello e Baseggio (2013) concluíram que as crianças entre nove e dez anos compreendem a morte como finita, universal e irreversível. Entretanto, este tema ainda é um tabu para a sociedade e o assunto é pouco debatido com as crianças, pois os adultos também não se sentem preparados para abordar esta temática.

Portanto, independentemente da idade da criança é importante informá-la sobre o acontecimento, adaptando o linguajar e a complexidade do esclarecimento ao seu nível de compreensão (ANTON; FAVERO, 2011).

Uma criança que encara a perda pode sofrer pressões do meio externo, quando a realidade causa mudanças bruscas em seu cotidiano, por meio das fantasias imaginativas e das brincadeiras baseadas nelas. Essas crianças podem começar a compensar as pressões sofridas, que podem ser o anseio de não mostrar tristeza diante dos adultos, por exemplo, ou então conter o choro em circunstâncias que seriam aceitáveis, mas sob pena de fazer o outro se sentir ainda pior, ela acaba se retraindo, fingindo que está tudo bem, poupando assim o sofrimento daqueles que estão ao redor (BROMBERG, 2000).

Edler (2008) afirma que o luto é um trabalho de elaboração que pode ser bem ou malsucedido. O luto é um trabalho difícil, que abrange sentimentos ambivalentes e respostas que para uma criança muito pequena, é difícil seguir.

Franco e Mazorra (2007) alegam que devido a essa dificuldade cognitiva e emocional da criança em significar a perda, a elaboração do luto é processada ao longo da estruturação psíquica, em distintos momentos de sua vida, à medida que ela vai podendo significar o que viveu. Tanto o adulto como a criança têm o desejo de reunir-se com o falecido. Porém, constatando-se que

a criança, principalmente com menos de 6 anos de idade, tem maior dificuldade que o adulto de compreender e de aceitar a irreversibilidade da morte, esta fantasia pode ser vivida pela criança não somente como um desejo, do qual se tem consciência que não se pode realizar, entretanto como uma possibilidade.

Para Bowlby (2006) as crianças não só se angustiam com a separação, como o pesar delas é frequentemente muito mais duradouro do que se supõe, para a criança recuperar-se da perda sofrida, ela precisa de alguém de sua confiança que lhe dê auxílio. Nessas circunstâncias pode-se esperar que a criança aceite a perda como sendo irremediável e reorganize sua vida interior de acordo com isso.

Não é bom tentar remover os sentimentos penosos da criança? Na verdade, não. Os sentimentos servem a um objetivo importante no processo de cura. O sofrimento não desaparece, ele apenas torna mais longa a tarefa do ajuste, forçando a tristeza a manter-se na retaguarda. Por não estar na superfície, esse sofrimento enterrado pode provocar muito mais estragos do que o que aparece e é facilmente reconhecido. Quando uma criança é impedida de expressar seu sentimento, especialmente por uma perda, o importante processo de luto é detido (HART, 1998, p. 89).

Para auxiliar na elaboração da perda, é necessário que depois a morte, alguma pessoa com quem a criança tenha uma história de confiança e afetividade conte-lhe o que aconteceu para que ela não sinta que está sozinha e que há pessoas para lhe fornecer atenção, carinho e cuidado. A criança pode recusar inicialmente a morte, pode tornar-se agressiva ou achar que foi ela mesma que a causou. Embora as crianças possa aparentemente não expressar tristeza, é nos sinais mais sutis que demonstram sua angústia, se comportando de forma hostil com os colegas ou tratando de seus brinquedos com violência (LOUZETTE; GATTI, 2007).

Dentre os sentimentos que permeiam a vida da criança após a perda, Bowlby (2006) destaca como os mais intensos e perturbadores, o medo do abandono e o sentimento de culpa, a saudade da figura perdida e raiva por não reencontrá-la. Apegos que estão associados, por um lado a vontade de buscar a figura perdida e, por outro, a uma disposição para recriminar furiosamente quem quer que pareça ser o culpado pela perda ou estar atrapalhando a recuperação da pessoa que está perdida.

Entretanto, esses sentimentos fazem parte do processo normal do luto, quanto mais forem expressos, há menos possibilidade dessa perda se transformar em algo patológico. No processo de elaboração do luto da criança, é importante que ela expresse seus sentimentos. Para isso, discorrer sobre o que aconteceu, de forma que ela possa entender, respeitando seu nível cognitivo e sua capacidade de abstração, é imprescindível (FERREIRA et al., 2011).

Para Bowlby (2006) não é raro a criança não expressar nenhuma emoção à morte de uma pessoa querida, já que foi dada a ela pouca ou nenhuma informação sobre esse acontecimento, ou mesmo que seja informada, não lhe é dada a chance de expressar seus sentimentos e emoções, ou mesmo de fazer perguntas sobre o fato.

O que pode impedir a criança de elaborar um luto benéfico é todo o silêncio que as pessoas próximas fazem em volta de uma morte. É esse sigilo que pode dificultar a criança a expressar seus sentimentos (FERREIRA et al., 2011).

Para que o luto leve a um resultado favorável e não desfavorável, é imprescindível que a pessoa que sofreu a perda expresse, mais cedo ou mais tarde, seus sentimentos e emoções. Para as crianças, muito mais do que para os adultos, é muito difícil apreender totalmente que alguém muito próximo está morto e nunca mais voltará (BOWLBY, 2006). Dessa forma, é fundamental o auxílio dos parentes, das instituições e dos profissionais da área de psicologia em ajudar as crianças na passagem do processo de luto de forma saudável, deixando claro a elas a perda ocorrida e assim podendo demonstrar seus sentimentos.

CONCLUSÃO

Neste trabalho buscou-se compreender como ocorre o processo de elaboração do luto na infância, bem como a importância no auxílio que deve ser dado por familiares e profissionais de psicologia para um processo de luto bem

sucedido. A importância da vivência dos processos de luto na infância foram estudados e vem sendo pesquisados em trabalhos como os Kubler-Ross (1998) e Kovács (1992) e Mello e Basseggio (2013).

Nota-se no decorrer do texto que o processo de morte e luto veio sofrendo mudanças ao longo dos anos, passando a serem negados e vistos como tabus conforme foi descrito por Lima (2009) e Guandalini (2010). Carvalho et al. (2009), Mello e Basseggio (2013) e Anton e Favero (2011) citam que os processos de luto precisam ser vivenciados na infância e que independente da idade da criança a realidade da perda deve ser transmitida adequando o linguajar a cada fase da infância abrindo espaço para o assunto no ambiente familiar e social.

Bowbly (2006) e Ferreira et al (2011) destacam que sentimentos de culpa, medo e abandono fazem parte do processo normal de luto e devem ser expressos para que isto não se transforme em algo patológico. Os trabalhos de Kovács (1991) e Anton e Favero (2011) e Louzette e Gatti (2007) destacam a importância do apoio que precisa ser dado a criança, pela família, escola e instituições evitando assim um processo de luto mal resolvido. Conforme Hart (1998) e Bowbly (2006) a criança não deve ser impedida de expressar seus sentimentos diante de uma perda.

Percebeu-se que na atualidade a morte não é encarada como antigamente, falar sobre este assunto ao mesmo tempo em que ajuda a elaborar uma ideia de que a vida é finita, causa desconforto e muitas pessoas tendem a fugir desta temática. É preciso que o ser humano entenda mais sobre a morte e os processos de luto, pois um luto mal resolvido pode acarretar sérias consequências psicológicas. É preciso que o processo de luto seja vivido e enfrentado, nele é preenchido o vazio deixado pela perda.

Nas crianças a visão da morte pode variar de acordo com a idade, sendo surpreendidas pela perda de um ente querido sem saber o seu significado e nem como lidar com ela. É aí que a família e o profissional de psicologia precisam ajuda-las a compreender o que realmente aconteceu, não escondendo a perda, fazendo com que a criança aprenda a aceitar a morte, pois futuramente ela terá de viver outras perdas e lutos, o que é inevitável na existência humana.

Enfim, os profissionais da área de psicologia e os familiares devem dar mais atenção e apoio a crianças que passam por processos de perda, para que assim, elas vivenciem um processo de luto saudável, evitando problemas futuros causados pelo luto mal resolvido.

Concluiu-se através deste estudo que a perda é difícil para todos, mas que diferentemente dos adultos as crianças têm uma dificuldade de assimilarem a morte a algo irreversível, o que não significa que não são capazes de lidar e elaborar essa angustia interna causada pela ausência do objeto amado, o que faz com que seja de extrema importância o acompanhamento na infância nessa difícil fase da vida.

Devido o tempo envolvido para a realização do trabalho, é relevante abrir um espaço para a continuidade de estudos sobre a área contemplada.

REFERÊNCIAS

ALVES, E. G. R. A Árvore: a difícil elaboração do processo de luto. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 36, n.1, p.127-132, 2012. Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/90/19.pdf>. Acesso em 29 mar. 2015.

ANDRADE, L. B. P. **Educação infantil**: discurso, legislação e práticas institucionais. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 193 p., 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/h8pyf/pdf/andrade9788579830853-06.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2015.

ANTON, M. C.; FAVERO, E. Morte Repentina de Genitores e Luto Infantil: Uma Revisão da Literatura em Periódicos Científicos Brasileiros. **Interação Psicol.**, n. 15, v.1, 101-110, 2011. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/psicologia/article/view/16992/16423>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara: 2006. Disponível em: <http://gephisnop.weebly.com/uploads/2/3/9/6/23969914/histria_social_da_criana_e_da_familia__ph_ilippe_aires.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

ARROYO, M. G. **A construção social da infância**. In: Infância na ciranda da educação: uma política pedagógica para zero a seis anos. Belo Horizonte: CAPE, p. 11-7, 1994.

BOELEN, P. et al. O papel das variáveis cognitivas em funcionamento psicológico após a morte de um parente de primeiro grau. **Behaviour Research and Therapy**, v. 41, p. 1123-1136, 2003. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12971935>>. Acesso em 30 jan. 2015.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. Disponível em :< https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646> . Acesso em: 01 abr. 2015.

BOWLBY, J. **Perda**: tristeza e depressão. In: Apego e perda, v.3. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento de vínculos afetivos**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000905.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2015.

BROMBERG, M. H. P. F. **A Psicoterapia em situações de perdas e luto**. Campinas – SP: Livro Pleno, 2000.

BUJES, M. I. E. **Escola Infantil**: pra que te quero. In: CRAIDY, Carmem;

KAERCHER, Gládis E. (orgs.). Educação Infantil pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001. Disponível em: < http://www.grugratulinofreitas.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/21/970/26/arquivos/File/materialdidatico/formacao docentes/tpei/2_serie/EscolaInfantilPraQueTeQuero.pdf>.. Acesso em: 01 abr. 2015.

CARVALHO, R. et al. **O luto na infância e seus reflexos na adolescência**. ULBRA/GUAIBA- RS. 5f. 2009. Disponível em:< <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2009/artigos/psicologia/salao/500.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2014

CATERINA, M. C. **O luto: Perdas e Rompimento de Vínculos**. Associação psicanalítica do Vale do Paraíba, 48p. 2003. Disponível em <http://www.apvp.com.br/v1/Artigos/Apostila_Luto_Perda.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2015.

COELHO, F. J. F.; FALCAO, E. B. M. Ensino científico e representações sociais da morte humana. Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ). **Revista Iberoamericana de Educación**, p. 01-14, 2010. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/deloslectores/1230Figueiredo.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.

CORALLI, B. **O silêncio coletivo**: a morte na atualidade e o desconforto causado por ela. Universidade Paulista, SP. O Portal dos Psicólogos, P. 01-06, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0656.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2015.

CORAZZA, S. M. **Infância e Educação**: era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000311.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2015.

CORSARO, W. **We.re friends, right?** Inside kid.s cultures. Washington, DC: Joseph Henry, 2003. Disponível em: <http://www.edu.helsinki.fi/lapsetkertovat/lapset/In_English/Corsaro.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2015.

DAMAZIO, R. L. **O que é criança**: Brasiliense, 57p. 1991. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books/about/O_que_%C3%A9_crian%C3%A7a.html?id=4EgZAAAACAAJ&redir_esc=y>>. Acesso em 30 mar. 2015.

EDLER, S. **Luto e melancolia**: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ELKIND, D. **Sem tempo para ser criança**: a infância estressada. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=3&ved=0CC8QFjAC&url=http%3A%2F%2Fwww.seer.furg.br%2Ffredsis%2Farticle%2Fdownload%2F1859%2F1275&ei=jqcpVamml8LIsASp5IH0AQ&usg=AFQjCNH3SRF7NuLUelYjuB9OX_i_gpXv2A&sig2=txVL0RVIfyaJQPNUQFsmKA&bvm=bv.90491159,d.cWc>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

FERREIRA, J. B. A. et al. **Perda e luto na infância**: o desvinculo e suas consequências na formação do psiquismo. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM. 12f, 2011. Disponível em: http://fio.edu.br/cic/anais/2011_x_cic/PDF/Psicologia/PERDA%20E%20LUTO%20NA%20INFANCIA.pdf>. Acesso em: 18 out. 2014.

FRANCO, M. H. P.; MAZORRA, L. Criança e luto: vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. **Estud. Psicol. (Campinas)**, vol.24, n.4, pp. 503-511, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v25n2/15.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2014.

FREUD, S. **Luto e melancolia**. (1915), XVI das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAUDERER, C. A criança, a morte e o luto. **Jornal de Pediatria**, v. 62, n. 3, p. 82-94, 1987. Disponível em: < <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&nextAction=lnk&base=LILACS&exprSearch=39473&indexSearch=ID&lang=p>>. Acesso em 20 abr. 2015.

GUANDALINI, F. C. **As transformações da relação do homem com a morte**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Especialização em Psicologia Analítica, 68p., 2010. Disponível em:<<http://www.symbolon.com.br/monografias/Felipe%20Correa%20Guandalini%20%20AS%20TRANSFORMACOES%20DA%20RELACAO%20DO%20HOMEM%20COM%20A%20MORTE.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2015.

HART, A. D. **Ajudando os filhos a sobreviverem ao divórcio**. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

JARAMILLO, I. F. **Morrer Bem**. São Paulo: Editora Planeta, 2006.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos próprios parentes. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 296p.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LIMA, F. F. **Considerações sobre o luto e a morte na perspectiva infantil**. Curso de Capacitação em Psiconcologia, Eixo temático: Psicologia infância , gênero e família. 22 f. ago de 2009. Disponível em : <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/consideracoes-sobre-o-luto-e-a-morte-na-perspectiva-infantil>>. Acesso em 25 set. 2015.

LOUZETTE, F. L.; GATTI, A. L. Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. **Revista Eletrônica Iniciação Científica**, ano 1, n. 1, p. 77-79, ago. 2007. Disponível em: <ftp://ftp.usjt.br/pub/revistaic/pag77_edi01.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2015.

MACHADO, A. **Como lidam as crianças com a morte/luto**. Revistas Sinais Vitais, n. 66, p. 45-50, jul. 2006.

MELLO, A. R.; BASEGGIO, D. B. **Infância e Morte: um Estudo Acerca da Percepção das Crianças sobre o Fim da Vida**. Revista de Psicologia da IMED, v. 5, n. 1, p. 23-3, jan.-jun, 2013. Disponível em: < <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/viewFile/363/294>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

MELO, R. **Processo de Luto**: o inevitável percurso face a inevitabilidade da morte. p. 01-19. 2004. Disponível em <<http://tutorado.tecnico.ulisboa.pt/files/sites/40/Luto.pdf>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

MENDES, E. A morte e o luto a partir do mito da medusa e o trabalho com crianças portadoras de doenças terminais. **Psicópio: Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde**, Belo Horizonte, v.4, n.8, ago. 2009.

MOREIRA, E. M.; VASCONCELLOS, K. E. L. Infância, infâncias: o ser criança em espaços socialmente distintos. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 24, n. 76, p.165-180, nov. 2003.

MOURA, C. M. **Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte**. Dissertação de Mestrado, UNB , Brasília-DF. 188f., 2006. Disponível em:<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5722/1/2006_Cristina%20Marcos%20de%20Moura.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2015.

PAIVA, L. E. **Arte de falar de morte para crianças**: a literatura infantil como recurso para abordar a morte com crianças e educadores. São Paulo: Ideias e

Letras, p. 31. 2011. Disponível em: < http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/P_autores/PAIVA_Lucelia_Elizabeth_tit_A%20arte%20de%20falar%20da%20morte%20para%20criancas.pdf>. Acesso em 27 abr. 2012.

PALUDO, A. F. **Metodologias de enfrentamento do Luto em crianças segundo o Psicodrama**. 19º Congresso Brasileiro de Psicodrama, 20f. 2013. Disponível em: <<http://www.cbpfbrap.com.br/anais/19CBP/PDFs/EP15.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2014

SANTOS, A.; LAURO, B. R. **Infância, criança e diversidade: proposta e análise**. UFJF. Juiz de Fora: Minas Gerais. 8p. 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a23.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

SENGIK, A. S.; RAMOS, F. B. Concepção de morte na infância. **Psicologia & Sociedade**, v.25, n.2, p. 379-387.2013. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/p_soc/v25n2/15.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SILVA, A. F. **O Luto e o processo aprendizagem na infância: reflexões iniciais**. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Teoria e Prática da Educação. Curso de Pedagogia, Maringá-PR, 22f, 2011. Disponível em: <http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos%202011/Turma%2032/Andressa_da_Silva.pdf>. Acesso em: 21 out. 2014.

SILVA, R. F.; OLIVEIRA, F. **O conceito de infância e a atualidade**. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM, 10p. 2011. Disponível em: <<http://fio.edu.br/cic/anais/2011_x_cic/PDF/Psicologia/O%20CONCEITO%20DE%20INFANCIA.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

TAVERNA, G., SOUZA, W. O luto e suas realidades humanas diante da perda e do sofrimento. **Caderno teológico da PUCPR**, Curitiba, v.2, n.1, p.38 - 55, 2014. Disponível em: <http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww2.pucpr.br%2Ffreol%2Findex.php%2Fteologico%3Fdd99%3Dpdf%26dd1%3D14546&ei=2Lf7VKuBCtL7sASvllCwDg&usq=AFQjCNFxyoLThL8Qmsny-tNIZZ--3Tvq1g&sig2=yXVmlg_cvDzdCX0ND>. Acesso em 28 fev. 2015.

VASCONCELOS, B. N. M. **As construções da infância e suas raízes sócio-históricas: da invisibilidade aos holofotes**. IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, jul/ago 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/4.25.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2015

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Nome: Leydyanne Vieira dos Santos

Endereço: Rua Ercino Silva n. 970

Telefone de contato: (34) 996962599

Email: leydyannevieira03@hotmail.com

Autor Orientador:

Nome: Cássia Angélica Nogueira Barbosa

Endereço: Rua Jaime Domingues Araújo n. 37

Telefone: (34) 92454302

Email: cássia-psico@hotmail.com